

FLORA MEDICINAL NATIVA DO BIOMA CERRADO CATALOGADA POR ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS NO ESTADO DE GOIÁS, BRASIL.

Cristiane Soares Pereira da Silva¹, Carolyn Elinore Barnes Proença²

Resumo

Este estudo teve como objetivo registrar os trabalhos etnobotânicos realizados no cerrado goiano e catalogar as espécies medicinais que são utilizadas pelas comunidades locais. A pesquisa bibliográfica identificou oito trabalhos, sendo registradas 141 espécies nativas distribuídas em 48 famílias. A família Fabaceae foi a mais representativa quanto ao número de espécies (17%) e o hábito de vida predominante foi o arbóreo (36%). Nos trabalhos avaliados verificou-se que o número amostral de informantes e a quantidade de espécies nativas catalogadas variaram entre os informantes generalistas e os especialistas locais. Os trabalhos que enfocaram os generalistas, pessoas da região selecionadas aleatoriamente, entrevistaram uma média de 294 ± 256 informantes por autor e o conhecimento de plantas medicinais esteve condicionado às espécies cultivadas em quintais. Em contrapartida, a pesquisa realizada com os especialistas locais, grandes conhecedores das plantas medicinais da região, mostrou que o número de espécies nativas registradas foi maior, sendo possível compreender que os curadores populares detêm conhecimentos aprofundados sobre técnicas tradicionais de reconhecimento e extrativismo da flora do Cerrado.

Palavras-chave: etnobotânica, plantas medicinais, comunidades locais, curadores populares, quintais.

NATIVE MEDICINAL PLANTS OF THE CERRADO CATALOGUED BY ETHNOBOTANICS STUDIES IN THE STATE OF GOIÁS, BRAZIL

Abstract

This paper aims to register the ethnobotanic studies carried out in the Cerrado of Goiás and to catalogue the medicinal plants used by local communities. This review identified eight works, and has shown 141 species, belonging to 48 families. The family with the greatest number of species was Fabaceae (17%) and the preponderance was of arboreal species (31%). In the studies evaluated, the number of informers and the amount of native species varied with the general and local specialist informers. The works that had focused on the general informers, people of the region selected at random, interviewed an average of 294 ± 256 informers by author and the knowledge of medicinal plants was conditional to the species cultivated in backyards. The research carried out with local

¹Bióloga, Mestre em Botânica pela Universidade de Brasília, UnB. criskrol@terra.com.br

²Agrônoma, Doutora pela University of St. Andrews, Escócia. Professora do Departamento de Botânica da Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, Ala Sul, Brasília, DF.

specialists showed that the total of native species was bigger, being possible to understand that the folk healers withhold deep knowledge on traditional techniques of recognition and collect the species of Cerrado.

Key-words: ethnobotany, medicinal plants, local communities, folk healers, backyard.

Introdução

O bioma Cerrado está localizado basicamente no Planalto Central brasileiro e ocupa uma área original de dois milhões de Km², o que representa 23% do território nacional (AB'SABER, 1983). Segundo a classificação de Köppen, o clima predominante é do tipo Aw ou tropical úmido, com a presença de duas estações bem definidas marcadas por invernos secos e verões chuvosos (EITEN, 1994).

O Cerrado engloba uma das maiores diversidades taxonômicas e bioquímicas do planeta (GOTTLIEB e BORIN, 1994) e apresenta uma grande variedade de sistemas ecológicos decorrentes de uma combinação peculiar de condições edáficas e climáticas, que somadas ao relevo e à altitude, originaram uma vegetação diversificada (EITEN, 1994) e amplamente utilizada para fins econômicos, destacando-se as espécies de interesse medicinal (SIQUEIRA, 1981 e 1988; VIEIRA e MARTINS, 2000; RODRIGUES e CARVALHO, 2001; GUARIM-NETO e MORAIS, 2003), alimentício (ALMEIDA, 1998; ALMEIDA et al., 1998), tintorial (GARCIA, 1981; MIRANDOLA FILHO e MIRANDOLA, 1991; ALMEIDA et al., 1998), oleaginoso (MACEDO, 1992; ALMEIDA et al., 1998) e ornamental (SILVA et al., 2001; PROENÇA et al., 2006).

Apesar do grande número de trabalhos realizados até o momento, ainda há carência de estudos sobre as espécies úteis do Cerrado *sensu lato*, principalmente aqueles relacionados ao uso de plantas medicinais (GUARIM-NETO e MORAIS, 2003). Este é um fato preocupante, pois se estima que mais de 80% da área territorial do Cerrado se encontra em estágio avançado de antropização e fragmentação, sendo que apenas 2,5% estão protegidas por lei em unidades de conservação (ARRUDA, 2003). É neste contexto que o

bioma Cerrado deve ser considerado área prioritária para a realização de pesquisas etnobotânicas, uma vez estas que podem servir de instrumento para delinear estratégias de utilização e conservação das espécies nativas.

A etnobotânica é definida como o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas (FORD, 1978). Apesar desta interação ser tão antiga quanto a própria história da humanidade, a etnobotânica constitui uma disciplina científica relativamente nova em sua teoria. Estando sujeita a um conjunto de exigências de caráter social e ideológico, são muitos os benefícios advindos da intensificação destes estudos, como: a) a documentação das plantas que são conhecidas e utilizadas como recursos; b) a valorização do saber tradicional; e c) a caracterização da forma como o homem acumula e transmite seus conhecimentos. Ainda, é válido ressaltar que consensos de uso funcionam como uma pré-triagem de espécies medicinais, podendo direcionar novos estudos em farmacologia e química.

Como disciplina acadêmica, a etnobotânica está formalizada em treze instituições de ensino superior no Brasil, onde 77% estão concentradas nas regiões Sudeste e Nordeste do país. Em contrapartida, as regiões Norte e Centro-Oeste contam com poucas instituições que ofertam disciplinas específicas em etnociências (FONSECA-KRUEL et al., 2005). Tal fato é injustificável, uma vez que estas regiões englobam, respectivamente, a Floresta Amazônica e o Cerrado, biomas considerados de relevante interesse para a realização de pesquisas etnobotânicas em razão da alta diversidade biológica, bioquímica e sócio-cultural neles existentes.

Com o objetivo de identificar os trabalhos etnobotânicos realizados em Goiás, a partir da década de 1980 e compilar as espécies medicinais nativas do bioma Cerrado registradas por estes estudos, julga-se que esta pesquisa bibliográfica poderá incentivar a realização de novos trabalhos nesse campo do saber no Estado de Goiás.

Material e Métodos

Para a revisão bibliográfica, foi realizado, inicialmente, um rastreamento

do tema no banco de dados do sistema de currículos da Plataforma Lattes a fim de identificar artigos científicos, dissertações e teses que retratassem o uso popular de plantas medicinais nativas do Cerrado goiano. Durante a busca, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: ‘etnobotânica’, ‘plantas medicinais’ e ‘Goiás’. As monografias de graduação foram desconsideradas, embora se reconheça a grande contribuição das mesmas para a elucidação do uso local de plantas medicinais, estando disponíveis, majoritariamente, nas bibliotecas da Universidade Estadual de Goiás, Unidades de Anápolis e Iporá e na biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás.

Nos trabalhos etnobotânicos identificados, foram registradas as seguintes informações: 1) município pesquisado; 2) número amostral de informantes; 3) tipo de informante entrevistado (se generalista ou especialista local); 4) número de espécies nativas catalogadas; e 5) número total de espécies registradas, entre nativas e exóticas. A definição de informantes generalistas e especialistas locais foi extraída de Albuquerque e Lucena (2004). Segundo os autores, informantes *generalistas* são membros da comunidade rural ou urbana selecionados através de uma amostragem aleatória simples; um sorteio, por exemplo. Já o termo *especialistas locais* é referente às pessoas que são excelentes conhecedoras de plantas medicinais na região e que indicam esses recursos no tratamento de uma parcela da população local. Geralmente, os especialistas são identificados na comunidade por meio de uma amostragem específica: a técnica da *bola de neve* (BAILEY, 1994).

Alguns trabalhos, como Siqueira (1981; 1988) e Tresvenzol et al. (2006), não foram considerados nesta pesquisa bibliográfica por não informarem todos os dados solicitados na pesquisa.

Finalmente, foi produzida uma tabela contendo os *taxa* medicinais nativos do Cerrado, onde não estiveram inclusas as espécies identificadas até a categoria de gênero. Para revisão dos nomes científicos, sinônimas e nomes de autores foi consultado o site oficial do Missouri Botanical Garden (TROPICOS). Também, foi consultada a obra de Mendonça et al. (1998) a fim de certificar a origem biogeográfica e o hábito de vida das espécies nativas catalogadas. O sistema de classificação botânica utilizado foi o Angiosperm Phylogeny Group

Resultados e Discussão

Análise dos trabalhos etnobotânicos

Foram analisados oito trabalhos etnobotânicos que se enquadraram aos pré-requisitos estabelecidos pela pesquisa. Estes, por sua vez, foram realizados em diferentes municípios de Goiás, compreendendo: Goiânia (RIZZO et al., 1985), Ouro Verde de Goiás (SILVA, 2007) e Mossâmedes (VILA-VERDE et al., 2003), na mesorregião do centro goiano; Pirenópolis (RIZZO et al., 1999), no leste goiano; Cidade de Goiás (RIZZO et al., 1999), no noroeste goiano; Porangatu (TRIDENTE, 2002) e Alto Paraíso de Goiás (SOUZA e FELFILI, 2006), no norte goiano; e Itumbiara (ARANTES et al., 2003), no sul goiano.

A pesquisa bibliográfica revelou que os estudos etnobotânicos enfocados no registro de espécies medicinais e na descrição de sistemas de cura populares ainda são escassos em Goiás. Este resultado pode constituir um reflexo da reduzida oferta de disciplinas e cursos específicos em etnobotânica nas universidades do Estado. Porém, esta realidade tende a mudar em razão da crescente divulgação de artigos científicos disponibilizados em revistas de circulação nacional e de acesso facilitado e ao aumento gradativo no número de publicações nacionais relacionadas com técnicas e métodos na pesquisa etnobiológica, destacando-se as obras de Albuquerque e Lucena (2004) e Minayo (2004).

Verificou-se que o número amostral de informantes e a quantidade de espécies nativas catalogadas variaram entre os trabalhos que enfocaram os informantes generalistas e os especialistas locais. Os trabalhos de Arantes et al. (2003), Rizzo et al. (1985 e 1999), Silva (2007), Tridente (2002) e Vila-Verde et al. (2003) entrevistaram uma média de 294 ± 256 informantes generalistas e registraram 23 ± 10 espécies nativas por autor (Tabela 1). Em contrapartida, os trabalhos de Silva et al. (2001), Silva (2007) e Souza e Felfili (2006), que abordaram os especialistas locais, entrevistaram uma média de 11 ± 7 informantes; porém, catalogaram uma maior quantidade de espécies nativas totalizando 43 ± 16 espécies por autor (Tabela 1).

Tabela 1. Relação dos trabalhos etnobotânicos realizados no Estado de Goiás por ordem cronológica da realização do estudo, número de espécies nativas do Cerrado amostradas e número total de espécies catalogadas, entre nativas e exóticas.

Autores	Município	Tipo e nº de informantes*	Nº de spp. nativas	Total
Rizzo et al. (1985)	Goiânia	G (249)	13	94
Rizzo et al. (1999)	Pirenópolis/ Cidade de Goiás	G (250)	33	110
Silva et al. (2001)	Alto Paraíso de Goiás	E (8)	26	41
Tridente (2002)	Porangatu	G (180)	10	123
Arantes et al. (2003)	Itumbiara	G (802)	27	177
Vila-Verde et al. (2003)	Mossâmedes	G (200)	35	- **
Souza e Felfili (2006)	Alto Paraíso de Goiás	E (20)	58	103
Silva (2007)	Ouro Verde de Goiás	E (6), G (84)	52 (E = 47, G = 19)	161

* G = Informantes generalistas. E = Informantes especialistas locais.

** Os autores não divulgaram o número de espécies medicinais exóticas e cultivadas utilizadas em Mossâmedes, citaram apenas as espécies nativas do Cerrado.

A pesquisa etnobotânica realizada junto aos informantes generalistas revelou que a forma de acesso mais comum às plantas medicinais é por cultivo doméstico. Tridente (2002) e Rizzo et al. (1999), respectivamente, constataram que 94% das plantas medicinais citadas na cidade de Porangatu e 71% das espécies citadas na cidade de Goiânia são cultivadas nos quintais domiciliares. Resultado semelhante também foi encontrado por Vila-Verde et al. (2003) em Mossâmedes, onde 80% da população entrevistada desconhecem o valor terapêutico da flora nativa e citam, na maioria das vezes, plantas exóticas e domesticadas.

Entre os trabalhos etnobotânicos avaliados, constatou-se que o conhecimento de plantas medicinais entre os informantes generalistas esteve condicionado basicamente às espécies que são cultivadas em quintais. Acredita-se que esse resultado possa ser influenciado pela própria presença do quintal, a qual aumenta o campo de explanação do informante, podendo agir como um auxílio à memória, influenciando no número de espécies citadas. Já o maior conhecimento das espécies nativas do Cerrado encontra-se confinado, principalmente, junto a um grupo de informantes especializados, tais como raizeiros, parteiras, curandeiros e benzedeiros, cuja atuação na comunidade representa a permanência das tradições de reconhecimento, extrativismo e uso

da flora local. Albuquerque (2006), porém, enfatiza que os padrões de utilização de espécies nativas ou exóticas são complexos e que fatores sócio-culturais e ecológicos podem influenciar, consideravelmente, nos processos envolvidos na escolha e no uso dos recursos naturais. Desse modo, os padrões aqui observados apresentam limitações, uma vez que o baixo número de produções etnobotânicas, no Estado de Goiás, impossibilita sugerir a possível ocorrência da erosão de conhecimentos sobre os usos da flora medicinal do Cerrado entre os informantes generalistas em razão da maior citação de espécies exóticas e cultivadas em detrimento das nativas.

Compilação das espécies medicinais nativas do Cerrado goiano

Com base no sistema de classificação botânica do Angiosperm Phylogeny Group (APG II) foram catalogadas 141 *taxa* nativos distribuídos em 48 famílias (Tabela 2). As famílias com maior número de espécies medicinais foram Fabaceae (24 spp.), Apocynaceae (9 spp.), Asteraceae (8 spp.), Bignoniaceae e Rubiaceae (6 spp.), Anacardiaceae, Annonaceae e Malvaceae (5 spp.). A família Fabaceae englobou 17% dos *taxa* catalogados, visto que se trata da família mais representativa do bioma Cerrado em número de espécies, segundo dados de Mendonça et al. (1998). Assim, quanto maior for o número de espécies de uma família, maior será a probabilidade de serem utilizadas por populações humanas.

O predomínio de hábito de vida foi o arbóreo (36%), seguido do arbustivo (20%), subarbustivo (20%), herbáceo (16%), trepadeira (6%), palmeira (1%) e liana (1%). Estes resultados estão em concordância com os dados obtidos durante um estudo bibliográfico da flora medicinal utilizada no Estado do Mato Grosso, onde também verificaram que o hábito arbóreo foi o mais freqüente (GUARIM-NETO e MORAIS, 2003).

A importância das espécies arbóreas para os sistemas médicos tradicionais dos povos do Cerrado deve ser enfatizada, pois durante a pronunciada estação seca as pessoas dispõem, principalmente, dos recursos ofertados pelas espécies arbóreas e a partir deles produzem medicamentos. Observação similar foi registrada na Caatinga por Albuquerque e Andrade (2002) ao constatarem que

as árvores não são influenciadas fortemente pela sazonalidade e que estão disponíveis durante todo o ano, ao contrário do estrato herbáceo, que surge com vigor apenas na estação chuvosa.

Tabela 2. Famílias botânicas, taxa nativos, nome popular, hábito e literaturas em que houve citação das espécies registradas em trabalhos etnobotânicos no Estado de Goiás, Brasil.

Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito*	Citação**
ACANTHACEAE			
<i>Justicia lanstykii</i> Rizz.	puaia	Ab	3
ALISMATACEAE			
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltld.) Mich.	chapéu-de-couro, chá-do-brejo	H	1, 2, 5, 8
AMARANTHACEAE			
<i>Alternanthera brasiliana</i> var. <i>villosa</i> (Moq.) Kuntze	perpétua-branca	H	8
<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	paratudo	H	2, 6, 7
<i>Pfaffia jubata</i> Mart.	macela	Sb	1, 2
ANACARDIACEAE			
<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	cajuzinho	Ab	5, 6
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	gonçalo	Av	8
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	aroeira	Av	2, 7, 8
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira	Av	5
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	pau-pombo	Av	7
ANNONACEAE			
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	araticum	Av	6, 7

Cont.

Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito*	Citação**
<i>A. monticola</i> Mart.	pinha-do-mato	Ab	3
<i>A. montana</i> Macfad.	araticum-do-mato	Sb	8
<i>Cardiopetalum calophyllum</i> Schldl.	pimenta-da-costa	Av	8
<i>Duguetia furfuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff.	sofre-dos-rins-quem-quer	Ab	2, 3, 7
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart.	guatambu	Av	2
<i>A. tomentosum</i> Mart.	guatambu	Av	5
<i>Forsteronia refracta</i> M.Arg.	cipó-leiteiro	Li	8
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	mangaba	Av	1, 4, 5, 6, 7
<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	tiborna	Av	2
<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St. -Hil.) M. Arg.	velame-branco	Sb	1, 2, 3, 6, 7
<i>Mandevilla velutina</i> K. Schum.	batata-infalível	Sb	6
<i>Peltastes peltatus</i> (Vell.) Wood.	precata-de-nossa-senhora	Tr	8
<i>Rauwolfia selowii</i> Müll. Arg.	casca-de-anta	Ab	7
ARACEAE			
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	cipó-imbé, imbé	Sb	5, 8
ARECACEAE			
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	macaúba	Pa	8
<i>Mauritia flexuosa</i> L.	buriti	Pa	7
ARISTOLOCHIACEAE			
<i>Aristolochia brasiliensis</i> Mart. & Zucc.	papo-de-galo	Tr	8
<i>A. cymbifera</i> Mart. & Zucc.	milhomem	Tr	7
<i>A. esperanzae</i> O. Kuntze	batata-milhomem	Tr	2

Cont.			
Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito*	Citação**
ASTERACEAE			
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	carrapicho	H	3, 8
<i>Achyrocline alata</i> DC.	macelinha, macela	H	3
<i>A. saturoides</i> DC.	macela	H	3, 5, 7, 8
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	alecrim-do-campo	Ab	7
<i>B. trinervis</i> (Lam.) Pers.	casadinho	Ab	8
<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	arnica	Sb	1, 2, 6, 7
<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	assa-peixe-branco	Ab	6, 7, 8
<i>V. polyanthes</i> Less.	assa-peixe	Ab	1, 5
BIGNONIACEAE			
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld & J. F. Souza	catuaba, vergateza	Sb	2, 3, 6, 7
<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	carobinha	Sb	6
<i>J. ulei</i> Bureau & K. Schum.	carobinha	Sb	2, 3
<i>Memora nodosa</i> (Manso) Miers	caroba-do-campo	Ab	7
<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook. ex S. Moore	ipê	Av	7
<i>Zeyheria digitalis</i> (Vell.) L. B. Sm. & Sandwith	bolsa-de-pastor	Ab	7
BURSERACEAE			
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	almécega	Av	7
CAMPANULACEAE			
<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce	bico-de-beija-flor	Sb	8
CANNABACEAE			
<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	esporão-de-galo	Av	8
CARYOCARACEAE			
<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	pequi	Av	2, 4, 5, 8
<i>C. coriaceum</i> Wittm.	pequi	Av	7

Cont.

Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito *	Citação **
CLUSIACEAE			
<i>Kielmeyera coriacea</i> (Spr.) Mart.	pau-santo	Av	7
COCHLOSPERMACEAE			
<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	algodãozinho	Sb	2, 5, 6, 7
COSTACEAE			
<i>Costus spicatus</i> Sw.	cana-do-brejo, cana - de-macaco	H	1, 7, 8
<i>C. spiralis</i> Roscoe	cana-de-macaco	H	4, 5, 8
CUCURBITACEAE			
<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	taiuiá	Tr	8
CYPERACEAE			
<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C. B. Clark	capim barba-de-bode	H	2, 5
<i>B. paradoxa</i> (Spreng.) Lindm.	barba-de-bode	H	7
<i>Lagenocarpus rigidus</i> ssp. <i>tenuifolius</i> (Clark.) T. Koyama & Maguire	capinzinho-arroz	H	3
DILLENIACEAE			
<i>Curatella americana</i> L.	lixeirinha, lixeira	Av	5, 6
EUPHORBIACEAE			
<i>Croton adenodontus</i> (M. Arg.) M. Arg.	alcanforeira	Sb	7
<i>C. antisiphiliticus</i> Mart. ex M. Arg.	pé-de-perdiz	Sb	1, 2, 3, 5, 6
<i>C. campestris</i> A. St.-Hil.	velame	Ab	5
<i>C. urucurana</i> Baill.	sangra-d'água, urucurana-do-brejo	Av	2, 5, 7, 8
FABACEAE/Caesalpinioideae			
<i>Cassia rugosa</i> G. Don.	fedegoso-do-campo	Ab	6
<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad) Killip.	capim-reis	Sb	3
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	copaíba, óleo-de-pau	Av	7

Cont.

Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito*	Citação**
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá-da-mata	Av	5, 8
<i>H. stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	jatobá	Av	2, 6, 7
<i>Melanoxylon brauna</i> Schott	braúna	Av	7
FABACEAE/Mimosoideae			
<i>Acacia adhaerens</i> Benth.	puxa-pro-rancho	Av	8
<i>A. paniculata</i> Willd	puxa-pro-rancho	Av	8
<i>Albizia niopoides</i> (Spruce ex Benth.) Burkart	angico-branco	Av	8
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	angico	Av	5, 6, 7
<i>A. peregrina</i> (L.) Speg.	angico	Av	2
<i>Calliandra dysantha</i> Benth.	ciganinha	Ab	6
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	faveira, fava-d'anta	Av	6, 7
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	barbatimão	Av	1, 2, 5, 6, 7
FABACEAE/Papilionoideae			
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	amburana, imburana	Av	7
<i>Centrosema bracteosum</i> Benth.	rabó-de-tatú	Li	2, 6
<i>Clitoria guianensis</i> (Aubl.) Benth.	vergateza	Sb	6, 7
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	carrapicho fucinho- de-boi, amor-seco	H	8
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	barú	Av	6, 7, 8
<i>Erythrina verna</i> Vell.	mulungu, muxoxo	Av	5, 7
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	anilim	Ab	8
<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	alcaçus	Ab	3, 7
<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.	sucupira-branca	Av	1, 6, 7
<i>P. emarginatus</i> Vog.	sucupira	Av	2, 4, 5
FLACOURTIACEAE			

Cont.

Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito*	Citação**
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	erva-de-lagarto	Ab	1, 3, 5, 6
IRIDACEAE			
<i>Sisyrinchium vaginatum</i> Spreng.	capim-reis	H	7
LOGANIACEAE			
<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	quina	Av	2, 4, 7
LECYTHIDACEAE			
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	jequitibá	Av	7, 8
LYTHRACEAE			
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J. F. Macbr.	são-pedro, sete sangrias	- Sb	8
<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	pacari, jarrinha	Av	6, 7, 8
MALPIGHIACEAE			
<i>Banisteriopsis argyrophylla</i> (A. Juss.) B. Gates	cipó-prata	Sb	2, 8
<i>Byrsonima verbascifolia</i> Rich. ex Juss.	murici	Ab	7
<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach.	nó-de-cachorro	Ab	6
<i>Camarea affinis</i> A. St.-Hil.	pé-de-perdiz	H	7
MALVACEAE			
<i>Ceiba speciosa</i> (A. St.-Hil.) Ravenna	paineira, barriguda	Av	8
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	mutamba	Av	7, 8
<i>Pavonia rosa-campestris</i> A. St.-Hil.	arnicona	H	3
<i>Sida rhombifolia</i> L.	vassoura-branca	H	8
<i>Walteria indica</i> L.	vassoura-branca	H	8
MELASTOMATACEAE			
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	carvoeirinho	Av	3

Cont.

Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito*	Citação**
MENISPERMACEAE			
<i>Cissampelos pareira</i> L.	abutua, bútua	Tr	2
MORACEAE			
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	mamacadela, burerê	Ab	2, 3, 5, 6, 7
<i>Dorstenia vitifolia</i> Gardner	carapiá	H	8
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don. ex Steud.	moreira	Av	4
MYRTACEAE			
<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	cagaita	Av	2, 4, 6
<i>Psidium myrsinoides</i> O. Berg	araçá	Ab	7
PIPERACEAE			
<i>Piper aduncum</i> L.	aperta-ruão	Sb	7
<i>P. umbellatum</i> L.	caapeba, rabo-de-rato	H	8
POLYGONACEAE			
<i>Polygonum acre</i> H. B. K.	erva-de-bicho	H	2
<i>P. punctatum</i> Elliott	erva-de-bicho	H	8
RHAMNACEAE			
<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek	bosta-de-cabrito, cafezinho	Av	8
RUBIACEAE			
<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K. Schum.	douradinha-do-campo	Sb	2, 3, 7, 8
<i>P. officinalis</i> Mart.	douradinha	Sb	3
<i>P. rigida</i> H. B. K.	douradão	Ab	3
<i>Psychotria ipecacuanha</i> (Brot.) Stokes	poaia	Sb	1, 2

Cont.

Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito*	Citação**
<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	chá-de-bugre,	Ab	2, 3, 4, 5, 6,
	congonha		8
<i>Sabicea brasiliensis</i> Wernham	sangue-de-cristo	Sb	3
RUTACEAE			
<i>Spiranthera odoratissima</i> A. St.-Hil.	manacá	Sb	6, 7
SAPINDACEAE			
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	maria-pobre	Av	8
<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	tingüí	Av	6, 7
<i>Matayba guianensis</i> Aubl.	falso-gonçalo	Av	8
SCROPHULARIACEAE			
<i>Buddleia brasiliensis</i> Jacq. ex Spreng.	barbaço	Ab	8
SIPARUNACEAE			
<i>Siparuna cuyabana</i> (Mart.) DC.	negramina	Ab	3
<i>S. guianensis</i> Aubl.	negramina	Ab	7, 8
SMILACACEAE			
<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	salsaparrilha	Tr	6
<i>S. campestris</i> Griseb.	salsaparrilha	Tr	2, 7
SOLANACEAE			
<i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq.	juá-bravo	Sb	8
<i>S. lycocarpum</i> A. St.-Hil.	lobeira	Av	1, 2, 5, 6, 8
<i>S. palinacanthum</i> Dunal	juá	Sb	3
URTICACEAE			
<i>Cecropia pachystachia</i> Trécul	embaúba	Av	4, 7, 8
VELLOZIACEAE			
<i>Vellozia flavicans</i> Mart.	canela-de-ema	Sb	7

Cont.

Família/Espécie botânica	Nome popular	Hábito*	Citação**
<i>V. variabilis</i> Mart. ex Schult.	candombá	Sb	3
VERBENACEAE			
<i>Lantana camara</i> L.	cambará	Ab	5, 8
<i>L. lilacina</i> Desf.	cambará	Ab	7
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	Sb	5, 8
<i>S. chamissois</i> Walp.	gervão	H	2, 4
VOCHYSIACEAE			
<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	pau-terra	Av	6, 7
<i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil.	bate-caixa	Av	6
<i>Vochysia rufa</i> Mart.	pau-doce	Av	2, 7

* Hábito: H = erva; Ar = árvore; Ab = arbusto; Sb = subarbusto; Tr = trepadeira; Li = liana; Pa = palmeira.

** Trabalho em que houve a citação da planta medicinal: 1- Rizzo et al. (1985); 2- Rizzo et al. (1999); 3- Silva et al. (2001); 4- Tridente (2002); 5- Arantes et al. (2003); 6- Vila-Verde et al. (2003); 7- Souza & Felfili (2006); 8- Silva (2007).

As espécies com maior número de citações bibliográficas foram *Rudgea viburnoides* (congonha), com seis citações; *Hancornia speciosa* (mangaba), *Macrosiphonia velame* (velame-branco), *Croton antisiphiliticus* (pé-de-perdiz), *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Brosimum gaudichaudii* (mamacadela) e *Solanum lycocarpum* (lobeira), com cinco citações. Evidencia-se que essas espécies são amplamente reconhecidas nas práticas de cura populares, tal como foi registrado no Cerrado de Minas Gerais (RODRIGUES e CARVALHO, 2001) e no Cerrado do Mato Grosso (GUARIM-NETO e MORAIS, 2003). Uma outra justificativa para o maior número de citações dessas espécies é que todas são características de cerrado *sensu stricto*, evidenciando que as áreas de vegetação nativa amostradas em Goiás não

representam 'o universo' fitofisionômico do bioma Cerrado, havendo carência de trabalhos etnobotânicos em formações florestais e campestres.

Conclusão

As informações apresentadas neste trabalho sugerem que o número de espécies medicinais nativas do Cerrado goiano é seguramente maior do que até o presente momento estabelecido. De forma comparativa, o número de espécies medicinais já catalogadas no Cerrado do Mato Grosso (509 espécies) supera, em muito, os valores relatados para Goiás (141 espécies). Porém, deve-se esclarecer que a listagem produzida no Mato Grosso também englobou espécies exóticas e de outros biomas, como Pantanal e Floresta Amazônica, e que foram equivocadamente registradas como espécies nativas do Cerrado.

O interesse acadêmico para a documentação do conhecimento botânico que as sociedades tradicionais ou a população em geral detêm sobre as plantas medicinais tem crescido bastante no Brasil nas últimas décadas, após a constatação de que a base empírica desenvolvida ao longo de gerações pode ter uma comprovação científica, habilitando os usos das espécies empregadas tradicionalmente pelas pessoas ao tratarem as suas enfermidades.

Assim, fica claro que a ampliação das pesquisas etnobotânicas em Goiás é necessária, o que possibilitará a documentação das espécies nativas que estão disponíveis e são reconhecidas como recursos, podendo subsidiar, no futuro, projetos sócio-econômicos e de educação ambiental a partir da ampliação dos conhecimentos sobre as propriedades úteis das espécies encontradas no Estado.

Referências bibliográficas

AB'SABER, A. N. O domínio dos cerrados: introdução ao conhecimento. **Revista do Serviço Público**, v. 40, n. 111, p. 41-55, 1983.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: LivroRápido/NUPEEA, 2004.

ALBUQUERQUE, U. P. Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 2, n. 30, 2006.

ALMEIDA, S. P. **Cerrado: aproveitamento alimentar**. Planaltina: Embrapa/CPAC, 1998.

ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C. E. B.; SANO S. M.; RIBEIRO J. F. **Cerrado: Espécies vegetais úteis**. Planaltina: Embrapa/CPAC, 1998.

ARANTES, A. A.; CALDAS, E. R.; SILVA, K. G. A. O uso de plantas medicinais no município de Itumbiara, Goiás, Brasil. **Práxis**, n. 3, p. 43-56, 2003.

ARRUDA, M. B. **Representatividade ecológica com base na biogeografia de biomas e ecorregiões continentais do Brasil: o caso do bioma Cerrado**. Tese (Doutorado em Ecologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2003. 176 p.

BAILEY, K. **Methods of social research**. 4. ed. New York: The Free Press, 1994.

EITEN, G. Vegetação do Cerrado. In: PINTO, M. N. (Ed.). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. 2. ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília/Sematec, p. 17-73, 1994.

FONSECA-KRUEL, V. S.; SILVA, I. M.; & PINHEIRO, C. U. P. O ensino acadêmico da etnobotânica no Brasil. **Rodriguésia**, v. 56, n. 87, p. 97-106, 2005.

FORD, R. I. Ethnobotany: historical diversity and synthesis. In: FORD, R. I. (Ed.). **The nature and status of ethnobotany**. Museum of Anthropology of the University of Michigan: Anthropological Papers, n. 67, p. 33-49, 1978.

GARCIA, M. M. **A tecelagem artesanal**: um estudo etnográfico em Hidrolândia, Goiás. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1981.

GUARIM-NETO, G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, v. 17, n. 4, p. 561-584, 2003.

GOTTLIEB, O. R.; BORIN, M. R. M. B. The diversity of plants. Where is it? Why is it there? What will it become? **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 66, suplemento 1, p. 205-210, 1994.

MACEDO, J. F. Plantas oleaginosas do Cerrado de Minas Gerais. **Informe Agropecuário**, v. 16, p. 21-27, 1992.

MENDONÇA, R. C.; FELFILI, J. M.; WALTER, B. M. T.; SILVA JÚNIOR, M. C.; REZENDE, A. V.; FILGUEIRAS, T. S.; NOGUEIRA, P. E. Flora vascular do bioma Cerrado. p. 307-556. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. (Orgs). **Cerrado**: ambiente e flora. Planaltina: Embrapa/CPAC, 1998.

MINAYO, M. C. M. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2004.

MIRANDOLA-FILHO, A.; MIRANDOLA, N. S. A. **Vegetais tintoriais do Brasil Central**. Goiânia: Ed. Líder, 1991.

PROENÇA, C. E. B.; OLIVEIRA, R. S.; SILVA, A. P. **Flores e frutos do Cerrado**. 2ª ed. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2006. 226p.

RIZZO, J. A., MONTEIRO, M. S. R.; BITENCOURT, C. Utilização de plantas medicinais em Goiânia. **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Botânica**, v. 2, p. 691-714, 1985.

RIZZO, J. A.; CAMPOS, I. F. P.; JAIME, M. C.; MUNHOZ, G.; MORGADO, W. F. Utilização de plantas medicinais nas cidades de Goiás e Pirenópolis, Estado de Goiás. **Revista de Ciências Farmacêuticas**, v. 20, n. 2, p. 431-447, 1999.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. **Plantas medicinais no domínio dos cerrados**. Lavras: Ed. da Universidade Federal de Lavras, 2001.

SIQUEIRA, J. C. **Utilização popular das plantas do Cerrado**. São Paulo: Ed. Loyola, 1981. 60p.

SIQUEIRA, J. C. **Plantas medicinais**: identificação e uso das espécies dos cerrados. São Paulo: Ed. Loyola, 1988. 40p.

SILVA, A. P.; SILVA, S. R.; MUNHOZ, C. B. R.; MEDEIROS, M. B. Levantamento etnobotânico na Chapada dos Veadeiros, Goiás: plantas ornamentais e medicinais de cerrado do estrato herbáceo-arbustivo. **Universitas Biociências**, v. 2, n. 1, p. 23-38, 2001.

SILVA, C. S. P. **As plantas medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil**: uma abordagem etnobotânica. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade de Brasília, Brasília, 2007. 153 p.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, Goiás, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**, v. 20, n. 1, p. 135-142, 2006.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática**: guia ilustrado para identificação das Famílias de Angiospermas da flora Brasileira, baseado em APG II. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2005. 640 p.

TRESVENZOL, L. M.; PAULA, J. R.; RICARDO, A. F.; FERREIRA, H. D.; ZATTA, D. T. Estudo sobre o comércio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 23-28, 2006.

TRIDENTE, R. D. **O uso de plantas medicinais na cidade de Porangatu, Estado de Goiás**. Dissertação (Mestrado em Biologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002. 48 p.

TROPICOS - Nomenclatural Data Base. Missouri Botanical Garden. Disponível em: <<http://mobot.mobot.org/w3t/Search/vast.html>>. Acesso em: 25out. 2006.

VIEIRA, R. F.; MARTINS, M. V. M. Checklist das plantas medicinais do Cerrado. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 3, n. 1, p. 13-36, 2000.

VILA-VERDE, G. M.; PAULA, J. R.; CARNEIRO, D. M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes, Goiás. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 13, suplemento 1, p. 64-66, 2003.